

Revista da Extensão

Out 2014 / N°9

ISSN 2238-0167

Entrevista com **Véra Neusa Lopes**

Crescimento, Desenvolvimento e Sexualidade:
Uma Interpretação do Adolescente

Saúde Bucal em Pré-Escolares da Creche Santa
Terezinha

Apresentando o Núcleo de Cinema e
Psicanálise

Partos no Mundo: Experiências Interculturais
em Defesa da Dignidade das Mulheres no Parto

Vivendo Histórias: Inclusão Social na Casa Lar
do Cego Idoso

Um Novo Tempo da Extensão Universitária
Brasileira

DESTAQUES XIV SALÃO DE EXTENSÃO

MOSTRA INTERATIVA

Ação de Extensão Patas Dadas - Adoção
Responsável de Animais e como Participar
dessa Mudança

TERTÚLIAS

Atendimento Odontológico a Pacientes com
Deficiência

Atuação Fonoaudiológica no Pré-Natal: Uma
Experiência em Promoção da Saúde

Espaço para Criar: Teatro e Dança com
Alunos Surdos

O Trabalho e os Direitos do Infantojuvenil na
Grande Cruzeiro

Interdisciplinaridade e Intersetorialidade:
Desafios nos Processos de Formação e
Trabalho Profissional

Saúde Mental e Integralidade na Atenção
Básica: Vivências Micropolíticas na
Graduação

Atelier Pedagógico: Experimentações
Curriculares na Educação de Surdos

Vozes negras no romance hispano-
americano: uma experiência no Festival
Maré de Arte/2013

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Atelier Pedagógico: Experimentações Curriculares na Educação de Surdos

Liliane Ferrari Giordani: Faculdade de Educação – UFRGS
Daniele Noal Gai: Faculdade de Educação – UFRGS

O Projeto de Extensão ATELIER PEDAGÓGICO, através da formação docente, fomentou ações em atelier em escola. Pretendeu-se provocar a discussão aprofundada em leituras pertinentes a filiação teórica do projeto e a implementação de atividades curriculares experimentais que atendessem alunos surdos com deficiência. Este projeto fomenta a pesquisa: “Cartografando a escolarização de alunos surdos com deficiência: diferentes aprendizagens e diferentes saberes”, que se dedica a promoção de ações compartilhadas de construção e reconstrução curricular.

No ano letivo de 2013, às segundas-feiras à noite, reuniam-se em Atelier Pedagógico,

docentes de escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre/RS. Nos Ateliers desenvolveram-se estudos de currículo, a partir de pequenas conferências, leituras com temáticas que embasam este projeto, atividades práticas, atividades relacionais, produção em artes integradas.

As experimentações em Atelier eram avaliadas e reprogramadas pelos docentes, que na sequência desenvolviam com os alunos e suas turmas atividades muito próximas daquelas que haviam experimentado em Atelier Pedagógico. De algum modo acreditou-se que com aquelas atividades de formação os docentes garantiriam espaços de experimentação e vivências escolares



relacionais àqueles alunos que não respondiam às exigências do currículo escolar formal.

Fato é que quando abrimos o currículo à experimentação temos uma afirmação da aprendizagem e da sua eficiência. São feitos investimentos de aprendizagem mais intensos e ao mesmo tempo mais leves, numa velocidade que empreende diversidade e que não necessariamente a respeita.

Empreender a diversidade significou, neste projeto, abrolhar coisas de escola que fossem dinâmicas, criativas, porém, pela ordem da cartografia, do absurdo, da mistura, da alternância, das artes. Considerar a diversidade nas saídas e entradas no currículo significa trazer a criação para o centro do trabalho pedagógico. Neste projeto, cartográfico, a diversidade só pode ser uma espécie de variação nas formas de aprender e ensinar.

Nos encontros de formação, os professores da escola apresentavam situações vivenciadas com os alunos e, em conjunto, foram propostas alternativas de trabalho. Estas propostas eram desenvolvidas e retornavam em forma de relatório de experiência para o grupo de colegas mediado pelo professor formador. No encerramento do Projeto foram mapeadas alternativas de ações curriculares e extracurriculares para atender os diferentes tempos e formas de aprendizagens dos alunos.

Atelier Pedagógico e a formação de professores

As políticas educacionais para a inclusão têm promovido mais fortemente nos últimos 10 anos, espaços de discussão sobre o ensino e aprendizagem em um contexto da pedagogia da diferença. Na educação bilíngue para alunos surdos esta discussão tem movimentado formações a articulações para a qualificação da oferta de um currículo que atenda tempos e formas

de aprender vencendo as impossibilidades ditadas por um currículo que prevê etapas fixas e respostas precisas. Em algumas situações as marcas geradas por um discurso “da não aprendizagem” tem resultado em angústia e ansiedade por parte dos professores na medida em que os alunos avançam nas etapas da escolarização.

A intenção do Projeto Atelier Pedagógico foi de reunir diferentes conhecimentos para, através da formação continuada de professores, auxiliar na construção de mecanismos que viabilizem um currículo que permita outras aprendizagens, em outros tempos, com atividades escolares que levem em conta a contemporaneidade, com avaliações mais dinâmicas e disparadoras. Um currículo pode ser planejado pela via pedagógica da invenção.

Este projeto de extensão propôs um estreito vínculo com a pesquisa e o ensino, na promoção de encontros de formação docente, estudo e experimentação de currículos mais abertos e não disciplinares. Currículos que possam ser mapas de aprendizagem a serem percorridos a propósito da experimentação. Currículos compostos por trânsitos de forças, intensidades e multiplicidades. Um currículo rizomático, que abale o modelo linear, disciplinar, seriado, com sua lista extensa e complexa de conteúdos. Qualquer currículo que possa ser corroborado e criado por aqueles que o implementarão em sua proposição primeira: a aprendizagem. Gestão, docentes e alunos podem encontrar-se em currículo singularizado. Este último movimento pode se dar pela autoria de cada espaço, conteúdo ou disciplina nele contido. Movimento que se fez pela cartografia.

Atelier Pedagógico Cartográfico

Traçar um campo problemático enquanto cartógrafo significa problematizar as formas cognitivas do próprio pesquisador em sua relação junto ao campo ao qual se dedica. Assim, exige

dele uma permanente modulação do problema, uma postura de abertura às forças que o forçam a pensar, como uma sintonia com a dimensão da primeira regra do método intuitivo: reconciliar verdade e criação no nível dos problemas.

Tal pista põe em evidência a importância de que, em um trabalho de extensão, o extensionista venha a se conduzir na direção de resoluções inventivas, que o forçam a traçar novos problemas, em uma inconformidade incessante que lhe permite não ceder às seduições das respostas apaziguadoras ligadas ao plano da reconhecimento. Em lugar disso, o cartógrafo produz vitalidade às forças que dão existência às coisas, produzindo material de pesquisa no momento mesmo em que problematiza o campo (GALLI, 2012, p. 34).

Orientamo-nos em Gilles Deleuze (2006) no que se refere a cartografia e a aprendizagem, especialmente quando destaca a arte como destino inconsciente do aprendiz. A arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha, aos abomináveis sofrimentos, ao limbo, às marcas de incapacidade, às marcas de não aprendizagem.

Entende-se que não dispõe de melhor aprendizado aquele que toca repetindo a música sempre da mesma forma, mas aquele que é capaz de interpretá-la, ou seja, aquele que, em suas repetições, é capaz do maior número de variações.

Aprender é experimentar incessantemente, é fugir ao controle da representação. Conhecer é construir um mundo e construir-se a si próprio (KASTRUP, 2007).

Na experimentação vamos, no diálogo com os protagonistas da escola, desenhando e redesenhando mapas curriculares para diferentes aprendizagens, diferentes saberes e diferentes tempos. Do ponto de vista da invenção, a cognição não se limita a um funcionamento regido por leis e princípios invariantes que ocorreriam entre um sujeito e um objeto pré-existentes, entre o eu e o mundo. Ela é uma prática de invenção de regimes cognitivos diversos, co-engendrando, ao mesmo tempo, o eu e o mundo, que passam à condição de produtos do processo de invenção (KASTRUP, 2012).

Os encontros de invenção e formação foram realizados durante todo o ano de 2013, com periodicidade quinzenal, buscando criar condições de viabilidade para a construção de propostas para além da flexibilização curricular para alunos surdos com deficiência. Os professores que atuam na educação de surdos, através da mediação de professores e estudantes da Faculdade de Educação da UFRGS, realizaram estudos temáticos, aplicando e avaliando alternativas de ensino para alunos surdos com deficiência, para assim criar atividades de promoção do acesso ao conhecimento e a aprendizagem. ◀

Referências

GALLI, Tânia & AMADOR, Fernanda. **Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa** - considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229019189004>.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KASTRUP, Virgínia. **A aprendizagem da atenção na cognição inventiva**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a02v16n3.pdf>

KASTRUP, Virgínia. **O lado de dentro da experiência**: atenção a si mesmo e produção de subjetividade numa oficina de cerâmica para pessoas com deficiência visual adquirida. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S114-98932014&script=sci_arttext